

Editorial

Descolonizar os saberes, o pensamento, a estética, a subjetividade. Desaprender para volver a aprender, procurando dar visibilidade a uma variada imaginação sociocultural que perpassa nossas sociedades, mas que sempre foi considerada inferior, inculta ou bárbara. Essa é a proposta do presente dossiê da Revista SURES, que nasce da urgente necessidade de revisão dos parâmetros com os quais baseamos as nossas práticas cotidianas e, conseqüentemente, as nossas práticas educativas. Entendemos que é hora de explorar universos que contemplam racionalidades outras, vinculados a corporalidades e territórios específicos, enraizados em experiências poético-políticas que esgarçam o sentido tradicional da estética e a circulação hegemônica dos discursos.

Temos, portanto, a alegria de apresentar, neste dossiê, uma relação de textos que refletem sobre todas essas questões, utilizando-se da materialidade artística – cinema e literatura – como também de um espectro mais amplo das nossas práticas cotidianas, como é o caso do âmbito educacional, no qual circulam discursos e língua(gens) em processos constantes de produção de subjetividades.

Sobressaem nos textos as reflexões em chave descolonial, a partir de perspectivas de análise situadas em outras abordagens da história, da didática ou da filosofia. Este é o caso do texto de Gustavo Vieira de Moraes, cuja análise do filme colombiano *El abrazo de la serpiente* (2015), procura elaborar o caráter destrutivo do colonialismo na América Latina e suas conseqüências contemporâneas, perpetradas através de um *modus vivendi* inaugurado no século XV. A partir de sua leitura, chegamos à conclusão de que “no hay lugar a duda que lo que hoy se entiende como natural, común y hegemónico es resultado de una larga operación que tuvo inicio con la colonización de América Latina y el surgimiento del nuevo patrón de poder mundial”.

Na mesma linha, o trabalho de Mayara Alexandre Costa analisa o filme *La Jaula de Oro* (2013). Segundo a própria autora, “o objetivo é refletir, a partir do que o filme coloca, de que modo mulheres, imigrantes e sujeitos racializados tentam resistir aos processos de exclusão de que são objeto, e como tentam atravessar imaginários identitários que fazem com que seus corpos estejam expostos a diferentes tipos de violência.” A partir destas constatações, o percurso promovido pelo texto conecta o cinema contestatário das décadas de 60-70 (tão prolífico em toda a América Latina) a uma estética que lança mão de todo um “arsenal de temas, imagens e conflitos já inscritos numa certa memória do cinema latino-americano”, mas que não se limita à denúncia, propondo perspectivas descolonizadoras da subjetividade que permitam “entrever reconfigurações, vislumbrar outros caminhos e pensar em outras estratégias de enfrentamento ao poder”.

Um dado relevante é a atualidade de ambas as produções cinematográficas, já que são praticamente concomitantes e bastante recentes, o que demonstra a necessidade dessa reflexão em diferentes latitudes latino-americanas.

Já pelo viés da literatura, “desde los bordes”, adentramos a obra da argentina María Rosa Lojo, levada pelas reflexões de Gracielle Marques que sublinha, na escritora analisada, duas outras vertentes fundamentais para qualquer pensamento descolonial: o foco no legado indígena e no papel das mulheres como sujeitos históricos, especificamente o papel da *machi* (curandeira) ranquel-mapuche. A feliz escolha

comparatista da autora recai sobre esta personagem, no qual convergem a produção de um saber e de um fazer que “redimensiona la voz femenina y la práctica ancestral.”

O texto de Dalva Desirée soma-se ao percurso anterior na medida em que traz a reflexão sobre uma paisagem cultural que contradiz uma visão da capital argentina – Buenos Aires – como uma pequena Europa; ao contrário, em seu território se entrecruzam sincretismos religiosos advindos dos processos migratórios que invadem a cidade com suas cores, corpos e crenças, gerando os assentamentos – villas miserias – como territórios sincréticos e heterogêneos.

Angela Cristina Catonio nos propõe um passeio transnacional, guiado pela escrita em português selvagem de Douglas Diegues. Cruzar a fronteira entre o Brasil e o Paraguai é experimentar uma vivência marcada por um “entre-lugar” onde se gesta uma “poética transfronteiriça” irônica e insubmissa, que transtorna as territorialidades geográficas, literárias e linguísticas.

Com Giovane Rodrigues Jardim, nos adentramos por um percurso que elabora a “virada epistemológica latino-americana”, a partir de caminhos que relacionam a filosofia e a educação. O autor propõe um interessante diálogo entre o pensamento decolonial e o pensamento de Adorno de a *Dialética Negativa*, em busca de uma “desconstrução da colonização epistêmica” de ambos os lados do Atlântico. Segundo o autor, “a *Dialética Negativa e o Pensamento Decolonial* apontam para exigências compartilhadas: a reconstrução do ser, do poder, do saber e da relação humana com a natureza.” Por fim, propõe uma “interligação entre educação e estética que, para além da indústria cultural, apontem para elementos de transformação.” Uma educação para a emancipação.

Na mesma linha, Vanessa Rodrigues de Araújo discute o modelo educacional reduzido “a uma relação hierárquica”, ressaltando o fato de que tal modelo expulsa do contexto escolar a subjetividade. Neste texto, a autora reivindica o âmbito afetivo como fundamental para o processo de construção (e reconstrução) do dado afetivo, cuja atuação no processo de sociabilidade define empatias e solidariedades tanto na relação com o outro quanto consigo mesmo/a. Outra forma de pensar a educação para a emancipação.

Finalizando o dossiê, transitamos por um percurso de leituras que levam a (nos) olhar (n)esse outro lugar de produção e de circulação de saberes, dando visibilidade a práticas e a modos de dizer desgarrados das representações (pre)dominantes instauradas historicamente pelos discursos coloniais. Pensamos que tal percurso de leitura possa trazer reflexões pertinentes aos estudos dedicados à América Latina, especialmente aqueles que buscam contemplar os entre-lugares de seus processos de (des)aprendizagem no encontro com diversidades, subjetividades e discursividades.

Cabe ressaltar, ainda, que o dossiê vem acompanhado da resenha de um volume especialmente interessante para a temática tratada, *Para una Pedagogía Decolonial*, editado por Zulma Palermo, além de uma entrevista a Jairo Guzmán, um dos responsáveis pelo Festival Internacional de Medellín, na Colômbia.

Não menos importante é a sessão de criação, composta por duas antologias: uma de poesia paraguaia contemporânea e outra de um dos poetas emblemáticos dos Saraus da periferia de São Paulo, Marco Pezão.

Esperamos que estas leituras suscitem ideias e sensibilidades que nos ajudem no longo caminho que temos por diante, o caminho da descolonização de Nuestra América.

Diana Araujo Pereira
Laura Amato
Laura Fortes
Livia Santos de Souza